

## CINEMA

Os apanhadores  
de real

**Um jardim dissecado, os interiores de uma peça, um reencontro com Angola, uma editora subterrânea, uma guerra revisitada. Quando o festival DocLisboa se inicia, em Lisboa, e o boom do documentário português se acentua, a VISÃO apresenta-lhe cinco filmes e cinco (re)criadores da realidade**

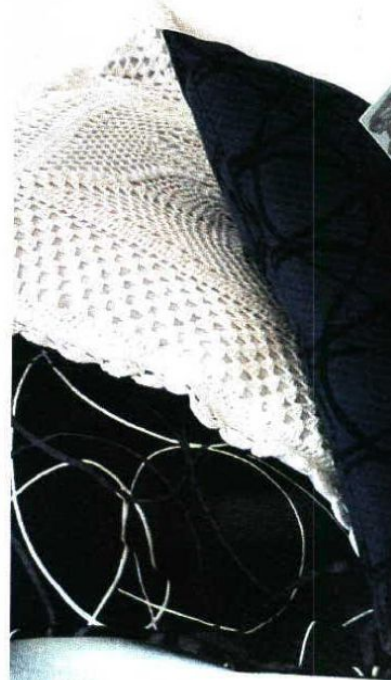
POR ANA MARGARIDA DE CARVALHO TEXTO, F. GONÇALO ROSA DA SILVA FOTOS

### Para que servem tempos de penúria?

'Sou uma naufraga, uma aprendiz de feiticeira'

**D**o seu ateliê de arquitetura, no Chiado, Cláudia via-os chegar. Singulares personagens, fora deste tempo, fora deste mundo. Iam e vinham, a horas desencontradas, alienígenas da cultura, pertenciam a outro planeta, uma cave penumbrenta, povoada de livros, ácaros, teias-de-aranha, garrafas de plástico vazias e gatos pequeninos. Neste seu inaugural documentário, Cláudia Clemente, uma ex-arquiteta e escritora, teve a confirmação: por vezes, não são precisas viagens de anos-luz e astronómicos orçamentos para aterrar noutras galáxias. Neste caso, na & Etc, fundada em 1973, a editora dos livros quadrados, de Victor Silva Tavares e Rui Caeiro, para quem a venda de 20 exemplares é um sucesso editorial e o saldo negativo no banco um «prejuízo sustentado». Para falar com franqueza não é uma verdadeira editora, mas «uma aventura poética». Ou isto é que é ser uma «verdadeira editora»? Uma aldeia de Aste-

rix, barricada pela poesia, pelas vanguardas, pelas sobrevivências anarco-culturais, sem se deixar invadir pelo mercantilismo dominantes. A única diferença é que estes irreduzíveis gauleses nem medo têm de que o céu lhes caia em cima da cabeça – já lhes aconteceu tantas vezes. Conta Vítor: «Quando tenho de mandar caixotes de livros não vendidos para a guilhotina, sinto que estou a cortar um dedo, um pedaço de pulmão... Mas no meio de tanta desgraça até nos dá vontade de rir.» Mesmo com a estrutura e a ingenuidade de principiante, Cláudia captou, ao longo de um ano e de 16 horas de filmagens, o espírito para além da letra impressa desta editora. Já ganhou um prémio no Imago e agora está a realizar um vídeoclip. «Sou uma naufraga, uma aprendiz de feiticeira, espero um dia dizer que sou realizadora.» Fica o poema de Adília Lopes: «Para que servem poetas em tempos de penúria?/ Para que servem tempos de penúria?»



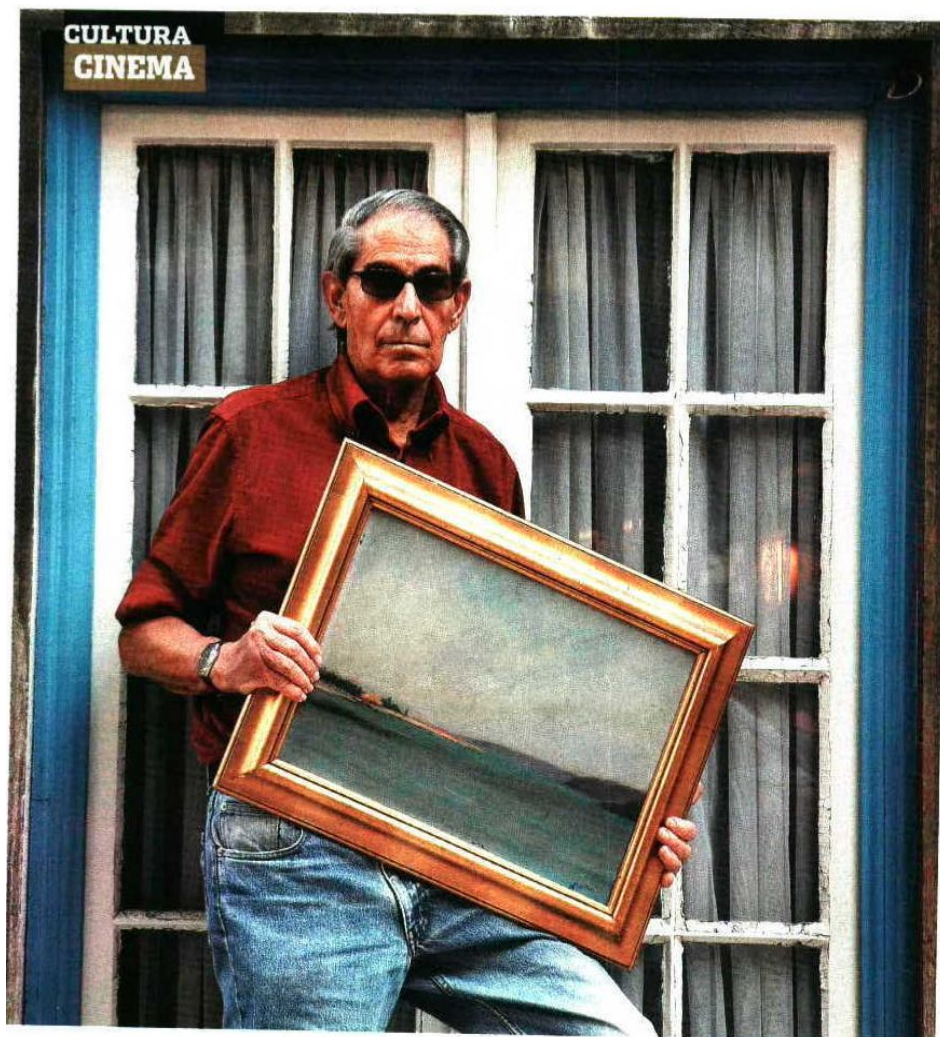
PÁSSARO NASCIA DOS SEUS

ESL PENETRAVA NO



**& ETC**  
de Cláudia  
Clemente,  
37 anos

Segura o livro de  
Alberto Pimenta  
que, desde  
1977, publica na  
editora dos livros  
quadrados



**Adeus,  
Até Amanhã**  
de António  
Escudeiro,  
74 anos  
Segura um  
quadro com  
uma paisagem  
angolana



**É preciso  
Fazer  
as Coisas**  
de Margarida  
Cardoso,  
44 anos  
Segura uma  
rosa igual às que  
figuravam no  
décor da peça  
*O Tio Vânia*

## Estranho paraíso

'Não é um filme sobre mim, mas a partir de mim'

**E**um dia ao angolano António Escudeiro disseram: «Vai-te embora!» Corria o ano de 1975, trabalhava com imagem para o Governo de transição do MPLA. «Vai-te embora mas não amanhã, vai hoje, já!» A 16 de Setembro, sem malas, sem resgatar o depósito bancário, só com a T-shirt e os calções que trazia vestidos, o realizador, fotógrafo e director de fotografia aterrou noutros horizontes (exíguos), noutras temperaturas (amenas), noutra continente (branco), noutra mundo (também amotinado). Há 32 anos, António Escudeiro disse «Adeus». Hoje diz apenas «Até amanhã». Um documentário *on the road*, 4 mil quilómetros, 25 dias em Angola: Lobito, Huambo, Huíla... Um roteiro sentimental, sem nostalgias estereis nem saudosismos seródios. Em que cada plano, captado quase sempre com tripé, tem a força de uma fotografia, de enquadramentos avaliados, e pontos de fuga e luz calculados

ao pormenor. Escudeiro percorre aquela geografia que sempre considerou tão sua, desde o nascimento, infância, adolescência à idade adulta: «Sou angolano, sempre fui. Nunca me considereei outra coisa.» E desce (ou seria melhor dizer, sobe) àquele «estranho paraíso». Entra nas suas velhas casas de infância, hoje pele e osso, descarnadas daquilo que foram. Passa por fachadas cravejadas de balas. Atravessa cidades-fantasma, onde os governantes vestem Armani, e o povo ainda agora renasce, na pujança de alguns mercados, cinco anos passados sobre a guerra. Tira sangue («um gesto simbólico») no velho e desertificado hospital – para depois se cruzar com a enfermeira, por acaso, na rua, que o alerta para os valores baixos de hemoglobina. Viaja nos obsoletos comboios, que de vagões de mercadorias se fizeram carruagens de passageiros. Demora dois dias nas crateras lunares do alcatrão, quando dantes o percorria em meia dezena

de horas. Passa por colunas de 40 atasca-dos e resignados camiões. Percebe, em Luanda, que as maiores inseguranças são os... seguranças, as extorsões e «o dinheiro para a gasosa». No Huambo, detém-se no arruinado cinema Ruacanã, corroído por dentro como uma cárie dentária. Senta-se na plateia, espectador de coisa nenhuma. Era ali que haveria de começar o filme. Assim foi. «Este filme é um olhar, apenas isso, não foco o lado subjectivo, não critico nem elogio. Deixo que quem vê pense por si.» E apesar de ter ficado «chocantemente sensibilizado com o acolhimento das pessoas», Escudeiro nunca se deixa contagiar pela emoção, e mantém uma notável e rara equidistância nos comentários em *off* – «mas lá que foi muito comovente foi»: «Este não é um filme sobre mim, é um filme a partir de mim.» E sobre o recado subliminar contido nas palavras de Ondjaki: «Quantas noites são precisas para fazer uma madrugada em Angola?» ▀

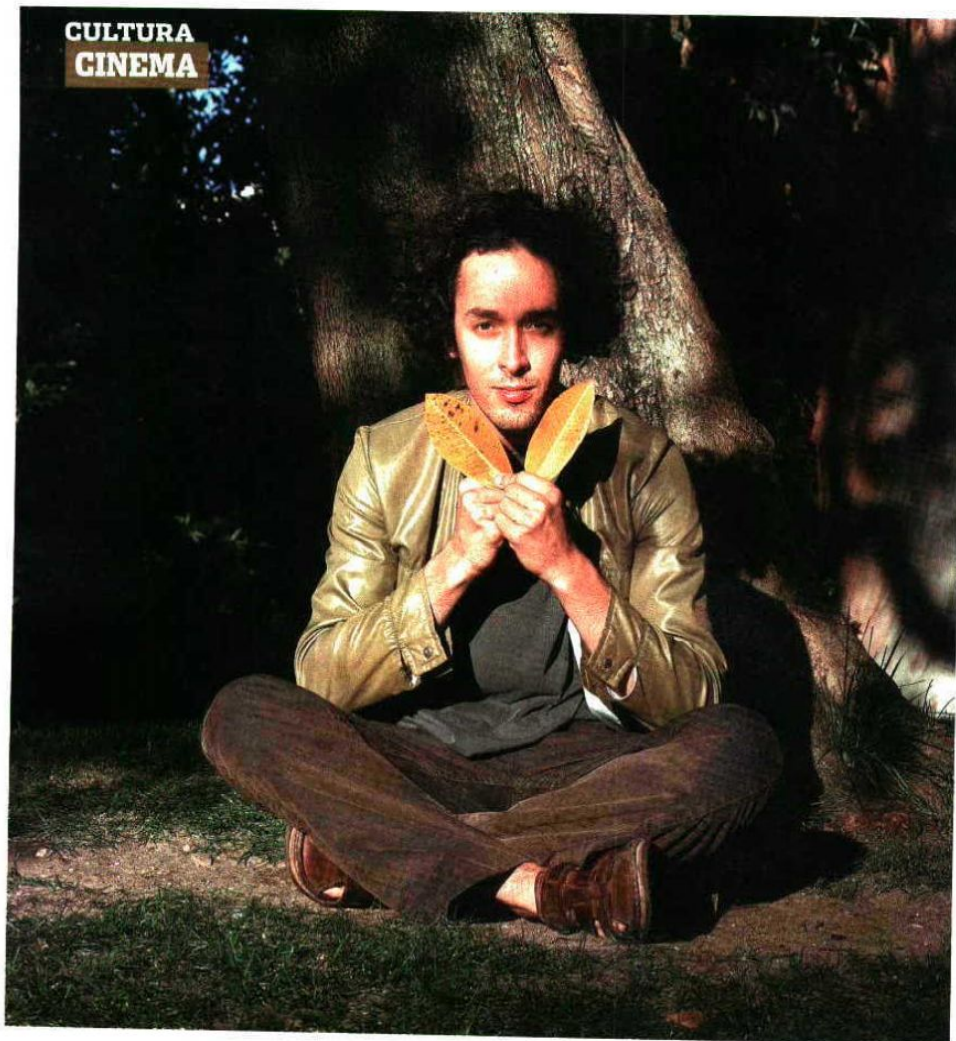


## Pó de palco

'O teatro tem demasiada verdade, ou vida'

**E**ste não é um documentário de *making of* de uma peça teatral. Este não é um documentário sobre *O Tio Vânia*, de Tchekhov. Este não é um documentário sobre a companhia do Teatro Carlos Alberto, no Porto. Este não é um documentário sobre uma encenação de Nuno Carinhas. Este não é um documentário sobre um processo criativo colectivo em curso. Este não é um documentário sobre a estrita realidade. Este não é um documentário integralmente ficcionado. *É Preciso Fazer as Coisas* é um daqueles documentários em que se torna mais fácil começar por dizer o que ele não é. Um objecto híbrido, não identificado, um documentário mutante. «O filme começa na minha difícil relação com o teatro. Tornou-se num filme muito intrincado, que não tem tempo nem espaço, que transforma o real numa ficção», explica Margarida Cardoso, realizadora de *A Costa dos Murmúrios* (2004) ou *O Natal*

*de 71* (2000). «É uma espécie de viagem terapêutica. Sou eu a tentar compreender aquela forma de as pessoas trabalharem. O teatro tem demasiada verdade, ou vida, com a qual não consigo lidar muito bem», continua. Esteve sempre presente, ela e a câmara, da fase exploratória do texto de Tchekhov aos ensaios e à introspecção das personagens. Filmou à vontade, sem nenhuma intenção específica. E de cerca de 90 horas de filmagem fez 52 minutos, variações em torno das frustrações tche-covianas, e daquilo que se tem de fazer, mas que nunca se faz, por falta de tempo ou de idade. A sua presença deixou de ser intrusa, a sua câmara de intimidar. Também ela já fazia parte daquele processo. Invisibilizou-se. Captou exteriores e interiores, o pó do palco, os pensamentos dos actores, para além do palco, para além das personagens, nesse mundo onde o tempo pára e o espaço flutua. Afinal, diz-nos, «o teatro é isso». ■



### O Jardim

de João  
Vladimiro,  
26 anos

Nas mãos tem  
duas folhas  
que nasceram  
e caíram na  
Gulbenkian

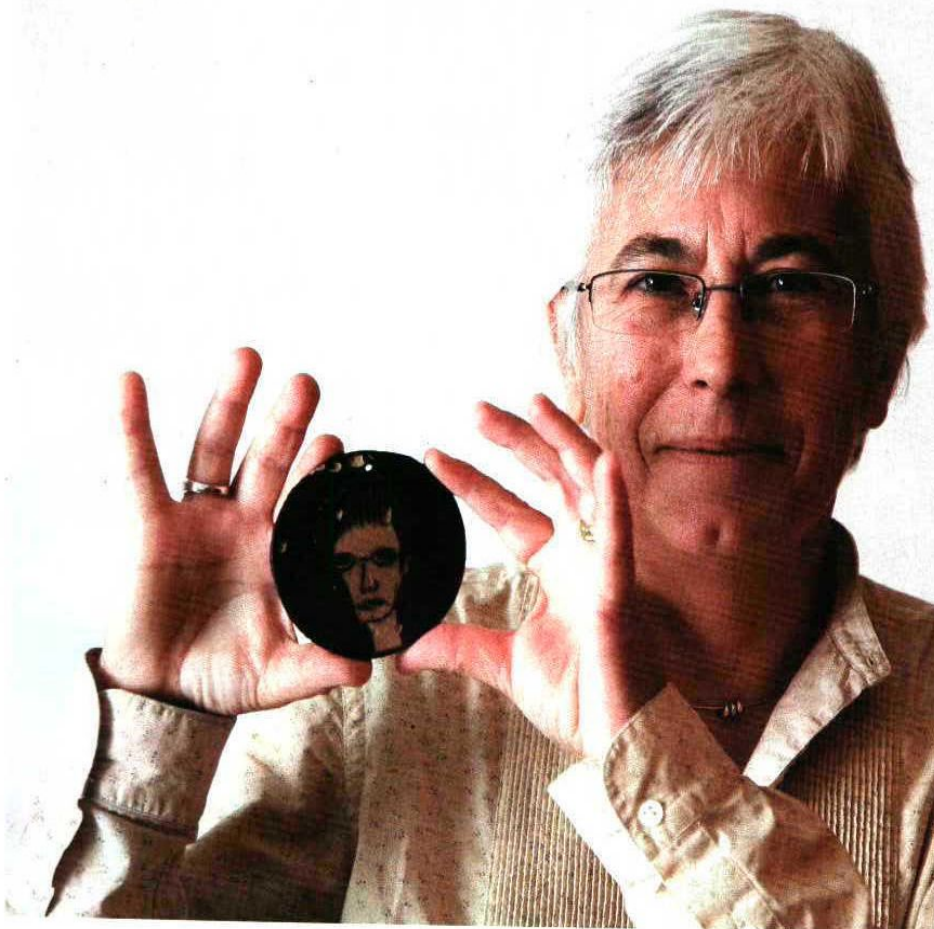
## Pura clorofila

'O jardim tem uma respiração, como se fosse um ser vivo'

**T**udo o que pode caber nos quatro hectares de jardim da Fundação Calouste Gulbenkian. Tudo mas mesmo tudo, como uma conversa que se prolonga e um assunto que se esgota até à última sílaba. Foi assim a sua primeira longa, conta João Vladimiro, actor, bailarino e, agora, também realizador: «Um diálogo com o jardim», todos os sentidos bem despertados, durante um ano inteiro, 50 horas de filmagem, até captar as floras e faunas (até as humanas), o que está à vista, as arrecadações, os bastidores, as ondulações das estações, «todos os estados de espírito» que aquele espaço arquitectado por Gonçalo Ribeiro Telles evoca. Os ramos, as folhas, os galhos despídos, os lagos, as pedras, as estátuas, os patos, os insectos, as pessoas que contemplam, que relaxam, que namoram, que praticam *tai-chi*, as crianças que brincam, o ucraniano que pesca peixes para a refeição, a mulher

que procura *Eusebiozinho*, o gato, no cimo de uma árvore, os jardineiros, as obras, os comentários de Ribeiro Telles... O jardim mutante, benigno no Verão, desolador, rude e áspero no Inverno. O documentário foi uma encomenda da Fundação a João, que frequentara um curso de realização na instituição e já ganhara um prémio no Indie 2006, com *Pé na Terra*, um filme sobre as hortas lisboetas, entre Chelas e as Olaias. «Interessam-me histórias sobre o desenraizamento.» João explorou todas as potencialidades de um microcosmo, dissecou o jardim, palmo a palmo, mas não se fartou – «este jardim não cansa», é um labirinto de Minotauro, como frisa Ribeiro Telles. Como método de trabalho usou a poesia («li imensa poesia durante a rodagem») e a observação, às vezes quase voyeurista – mas, garante, nunca se escondeu atrás de nenhum arbusto ou deixou de pedir autorizações. «Apesar do ruído da cidade, isto aqui é um oásis, um sítio

onde se consegue fazer uma abstracção do stresse exterior, como se tivesse um muro invisível.» Depois, foi só ir saciando metodicamente todas as curiosidades que um jardim pode despertar. «Apercebi-me das conversas mentais que as pessoas mantêm com aquele espaço. O jardim tem mutações, dejectos que são as folhas secas e os troncos, tem uma respiração, como se fosse um ser vivo», comenta João que, no documentário, usa sempre a câmara à mão, para melhor captar o instante. À mesa de montagem não presidiu qualquer lógica narrativa, apenas respeitou a passagem das estações. Sem voz *off*, com uma banda sonora quase neutra, sem discurso, «pelo menos não impositivo e ainda menos descritivo», para deixar «espaço às pessoas, para que façam elas o filme dentro das suas cabeças». ▣



**As Duas  
FACES da  
Guerra**

de Diana Adringa  
e Flora Gomes,  
60 e 57 anos

Na mão, Diana  
segura um auto-  
retrato feito  
com miolo de  
pão prensado,  
em 1970, quando  
estava presa  
em Caxias. Uma  
prenda de Natal  
para oferecer  
aos pais

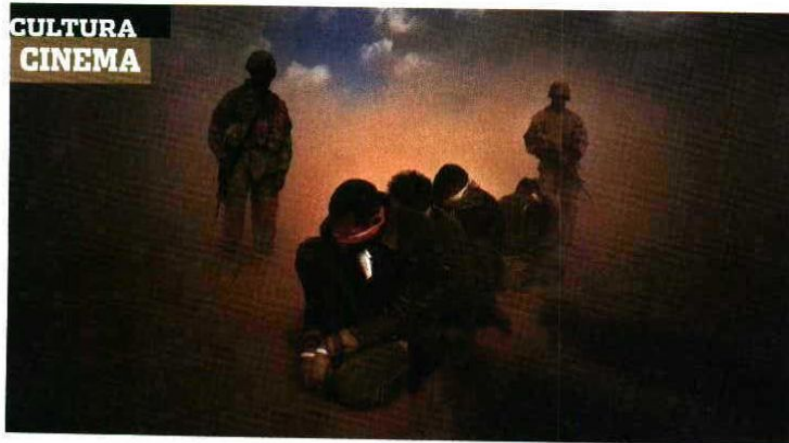
**A mesma moeda**

'Sabemos que podemos morrer, mas não que podemos matar'

**N**o meio do caminho de Diana Andringa estava uma pedra. Uma pedra tumular, meio devorada pela vegetação da Guiné. Em 1995, a jornalista preparava um documentário sobre o realizador guineense Flora Gomes, quando se deparou, em Geba, com este calhau fragmentado, onde estavam inscritos nomes de antigos militares portugueses tombados naquele local, durante a guerra colonial. Dois deles tinham morrido no dia em que a jornalista fez 20 anos. O seu documentário, realizado a quatro mãos com Flora, começa aqui. Ou melhor... Na verdade, começou mais de três décadas antes, no ambiente bafiento (mais pela opressão do que pela humidade) de uma sala de julgamento. Diana era julgada por apoiar os movimentos de libertação, questão agravada pelo «terrível delito» de ter ido entregar roupa a um preso político angolano, encarcerado em Peniche... Já na altura disse ao juiz que, enquanto jornalista,

queria ouvir os dois lados da guerra. Rodado entre a Guiné, Cabo Verde e Portugal, o documentário mostra esta bilateralidade que existe em todas as guerras de todos os lugares: as duas faces, o lado da camaradagem e o do ódio, as duas vitórias – a da democracia e a da independência... O filme, enalhado durante anos por causa das contingências orçamentais do costume, dá voz a antigos combatentes. Diana e Flora mergulharam na mais violenta e dizimadora das guerras coloniais, a da Guiné. O mais impressionante, conta Diana, é que não encontraram ódio, como aquele que existia em Angola, fomentado pelos massacres da UPA. Aliás, Amílcar Cabral sempre frisara, em discursos que empolgavam a adolescência de Diana, «os inimigos não são os portugueses mas a ditadura. Todos somos vítimas de Salazar». A jornalista regressou à sala de montagem com 30 horas de depoimentos e «histórias lindíssimas» e muito comoventes. «Nas guerras sai o que de pior

e melhor existe nas pessoas. É nos extremos que nos revelamos.» Noutros tempos, Diana não tinha grande condescendência para com os soldados portugueses, achava que eles deviam desertar e pronto, «a minha simpatia ia toda para aqueles que lutavam do lado certo». Com o tempo, foi mudando: «Aquele pedra, aqueles mortos de 20 anos, o medo, o isolamento, a morte do camarada ao lado...» «Os homens da minha geração passaram por este trauma. Não foi o de poder morrer, todos nós sabemos que podemos morrer. Mas nem todos sabemos que podemos matar, violar, torturar, decepar pessoas. Foi uma geração que ficou marcada por isto, e os filhos nunca o entenderam. No meio de todo o horror, houve quem conseguisse pôr um travão e nunca perder a humanidade.» Todo o documentário está construído com depoimentos. «Gosto muito de pessoas, gosto muito da voz. Há lá coisa mais bonita do que uma pessoa inteligente a falar...?» ▣



# O documentário é um arma

Do underground aos grandes monumentos do cinema, do neutro ao politicamente empenhado. Artilharia pesada no DocLisboa

POR ANA MARGARIDA DE CARVALHO

**F**assbinder costumava dizer que «não punha bombas, fazia filmes». Bombástica é a palavra certa para classificar a quinta edição (de 18 a 28 de Outubro) do DocLisboa. Mais filmes (150), mais salas (quatro, além dos habituais dois auditórios da Culturgest, também o cinema Londres e o S. Jorge), mais público aguardado – em 2006, foram 23 mil os espectadores... «O problema desta edição é que é boa demais», concordam Ana Isabel Strindberg e o realizador Sérgio Tréfaut, directores do festival. «Não foi o documentário que se politizou, o mundo é que ficou mais político», comenta Sérgio, a propósito

do forte comprometimento de muitos dos filmes com algumas das mais urgentes questões políticas que atormentam o planeta. A eterna guerra do Iraque, a tortura de prisioneiros, nas prisões dos EUA, o caso Litvinenko, o Darfur, o furacão *Katrina* em Nova Orleães...

Outubro é o mês em que, como diz o slogan, «o mundo todo cabe em Lisboa». Desta vez, bisa-se a metáfora: caberá em imagens e em carne e osso. A Cimeira de Chefes de Estados Europeus trará a Lisboa alguns dos protagonistas directos e indirectos destes filmes. O documentário é, por definição, real – mas nunca é um espelho. Mesmo os

## 'Taxi to the Dark Side'

Cento e cinquenta filmes na edição mais política de sempre do Doc

que têm a ambição de reproduzir, arriscam-se a funcionar como as casas de espelhos das feiras antigas, distorcidos, ampliadores,

redutores, foscos, cheios de lacunas... Opta-se por uma aproximação à realidade, em detrimento de outra. Está-se sempre a influir sobre ela, basta a liberdade de escolha entre determinados planos. Mesmo assim, ele é uma arma que pode provocar estilhaços. Michael Moore é um lançador de bombas atómicas, mas há outros *snipers*, mais localizados, por vezes mais certos.

Um fenómeno de moda, sem dúvida, admite Sérgio Tréfaut, que viu o seu filme *Lisboetas* ser exibido em sala, com um recorde de 17 mil espectadores (as ficções portuguesas não ultrapassam cerca de 2 500...). Moore e Al Gore são oscarizadas armas de arremesso, megafones para as massas, mas há casos de documentários que obtiveram improváveis êxitos de bilheteira – como o *Grande Silêncio*, um filme de três horas da mais perfeita inacção, sem palavras, nem voz *off*, sobre o quotidiano quase estático dos monges cartuxos. Em Portugal, o documentário recupera terreno, depois da longa quarentena pós-25 de Abril. Está-se em pleno PREC documental. Uma fase de explosão, de grande vitalidade e diversidade. «O documentário português é, hoje, um objecto em mutação», acrescenta Sérgio. A ver ainda onde pode chegar e que bombas pode lançar... ■

### CINCO FILMES-BOMBA NO DOCLISBOA

**Sicko**  
De Michael Moore



Mais um filme-denúncia do famoso realizador americano, que agora volta os holofotes internacionais para o sistema de saúde norte-americano, em incómoda linha de comparação com o europeu e o cubano

**When the Levees Broke: a Requiem in Four Acts**  
De Spike Lee



Um cidade abandonada, submersa e indignada. Após o furacão *Katrina*, Spike Lee recolheu imagens de uma das piores catástrofes dos EUA e recolheu centenas de depoimentos das vítimas do clima e da incompetência

**Rebellion: The Litvinenko Case**  
De Andrei Nekrasov



O assassinio do ex-agente da polícia de segurança federal é apenas o pretexto para denunciar a política de medo de controlo da oposição, na Rússia de Putine

**Jesus Camp**  
De Heidi Ewing



Este foi considerado nos EUA uma espécie de chocodrama (um filme-choque) sobre as crianças enviadas para um campo de férias evangelista, onde se defendem as teorias criacionistas. O campo foi encerrado, na sequência da exibição

**Taxi to the Dark Side**  
De Alex Gibney



Um documentário perturbador sobre «as técnicas de interrogação de suspeitos» dos militares americanos. Para os presos afegãos, a Convenção de Genebra e o resto do mundo, as técnicas resumem-se numa palavra: tortura